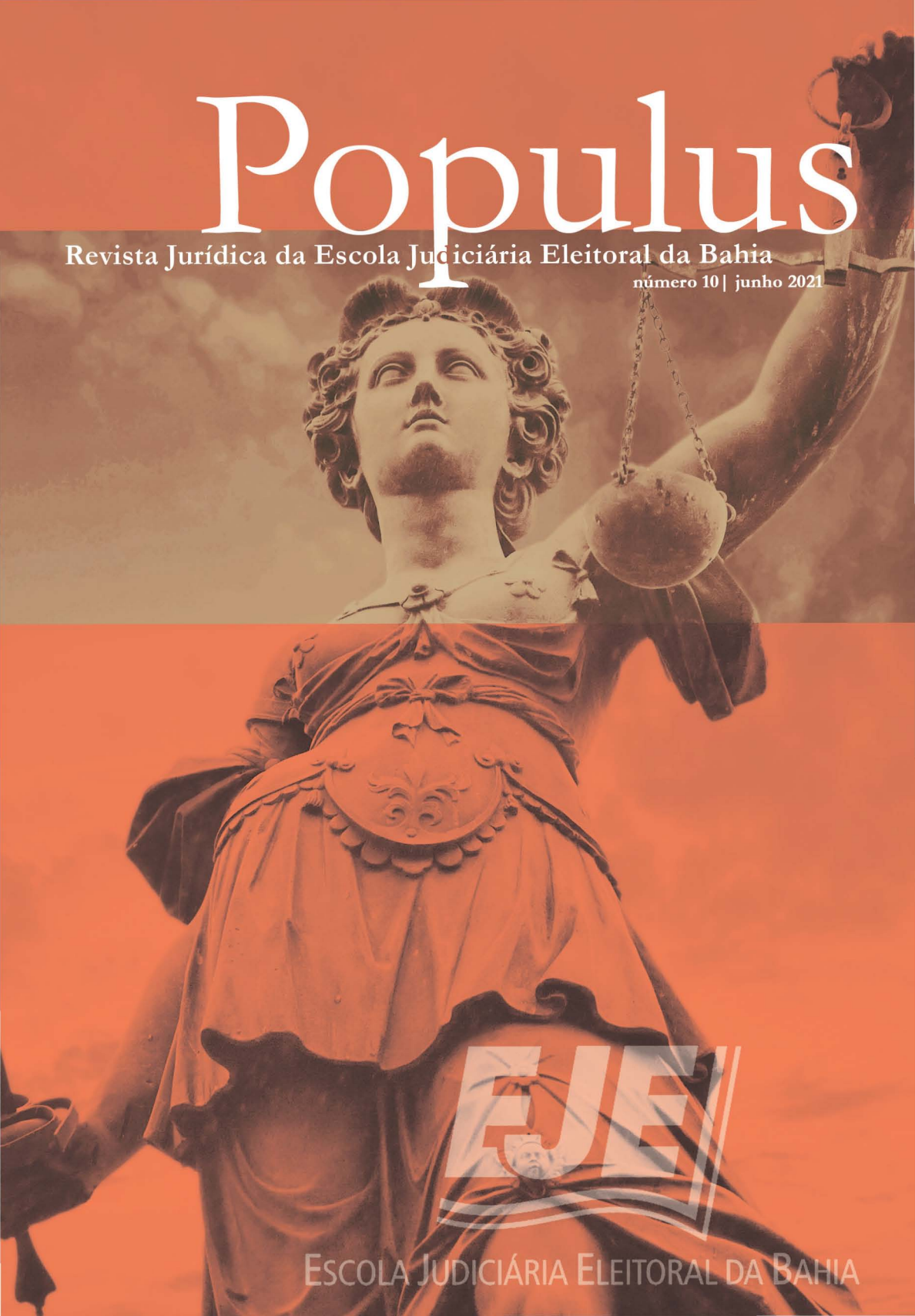


Populus

Revista Jurídica da Escola Judiciária Eleitoral da Bahia

número 10 | junho 2021



ESCOLA JUDICIÁRIA ELEITORAL DA BAHIA

O QUE É “SER DE DIREITA”?

WHAT IS TO BE A “RIGHT-WING”?

*Yuri de Matos Mesquita Teixeira **

RESUMO

A discussão acerca do pensamento político “de direita” e “de esquerda” é antiga e remonta a mais de dois séculos, desde, pelo menos, a Assembleia dos Estados Gerais de 1789, no período da Revolução Francesa. A dicotomia tem ganhado cada vez mais força no debate político atual. Malgrado haja diversas teorias acerca do pensamento esquerdista, as ideias “de direita” não parecem ser adequadamente divulgadas e, dentro do senso comum, quase sempre são postas como sendo pensamentos de pessoas retrógradas e preconceituosas. O presente artigo tem como finalidade apontar qual é, de fato, o pensamento que guia os “direitistas”, rompendo com a ideia equivocada do senso comum.

Palavras-chave: Ciências Sociais e Filosofia Política; Correntes do pensamento político; Direita; esquerda.

ABSTRACT

The discussion about “right” and “left” political thinking is old and dates back more than two centuries ago, at least since the Estates General in 1789, in the period of the French Revolution. The dichotomy of this political thoughts has increasing in the political debate nowadays. Although there are several theories about the “left-wing” thinking, “right-wing” ideas do not seem to be adequately disseminated and, within common sense, are almost always

* Membro do grupo de pesquisa em Direito Eleitoral e Democracia da Escola Judiciária Eleitoral da Bahia em associação com a Universidade Federal da Bahia. Mestrando em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade Anhanguera. Bacharel em Direito pela Faculdade Baiana de Direito e Gestão. Analista Judiciário - Área Judiciária - do Tribunal Regional Federal da 5ª Região.

considered to be thoughts of retrograde and prejudiced people. The purpose of this article is to point out what, in fact, is the thinking that guides the “right-wingers”, breaking with the mistaken idea of common sense.

Keywords: Social Sciences; Political philosophy; Political views; Right-wing; Left-wing.

1 INTRODUÇÃO - O (EQUIVOCADO) SENSO COMUM ACERCA DA DIREITA E DA ESQUERDA

“Comunista”, “esquerdopata”, “fascista”, “conservador”, “retrógrado”, “neoliberalzinho”... essas são expressões que vêm sendo utilizadas nos últimos anos no Brasil (em especial, após as eleições de 2016), para ofender pessoas que se posicionam – ao menos, em tese – em espectros políticos de polos diferentes. O leitor sabe identificar quais dessas “alcunhas” são utilizadas quando se quer dizer que alguém é “de direita” ou “de esquerda”.

Mas, afinal, o que seria o pensamento político “de direita”, e o que seria o de “esquerda”?

Igor Teo, no livro intitulado “Entre a Esquerda e a Direita – uma reflexão política”, diz que “ser de direita” é concordar com o capitalismo e suas instituições.² Para ele, quem é de direita acredita nos valores do individualismo, da meritocracia e da primazia do lucro. “Em alguns casos ainda é possível ver sujeitos que defendam seus valores mais radicais, como o tradicionalismo da família (ser contra modelos diferentes de família que o heterossexual nuclear), o machismo (ser contra a igualdade de direitos entre homens e mulheres), entre outros”.³

Por outro lado, diz que “ser de esquerda” é uma questão de percepção. “É perceber que os direitos dos trabalhadores, dos negros, das mulheres, dos homossexuais, dos pobres são direitos fundamentais. É perceber que o capitalismo é um sistema que explora os recursos naturais do planeta até causar sua completa destruição”,⁴ além de que, mesmo que o modelo liberal tenha pontos

2 ARRAIS, Rafael; CARVALHO, Alfredo; TEO, Igor. *Entre a Esquerda e a Direita: uma reflexão política*. [S. l.]: Textos para Reflexão, 2016. E-book. p. 7.

3 Ibidem.

4 Ibidem, p. 8.

positivos, é para as classes mais altas que ele é recompensador – o que seria, portanto, inaceitável para “alguém de percepção”.

Escolheu-se por utilizar o conceito acima não porque não haja outras definições acerca do que é o pensamento político definido como “de direita” ou “de esquerda”, mas porque Igor Teo expressou aquilo que parece ser a ideia geral, o senso comum partilhado entre as pessoas acerca destas duas formas de encarar a política. Não à toa, Luiz Felipe Pondé, em palestra organizada pelo instituto CPFL, disse que é bastante corriqueiro as pessoas associarem alguém que se define liberal ou conservador (isto é, de direita) como “alguém do mal”.⁵

Mas, se o conceito que prevalece no senso comum for aceito como correto, isto é, que “ser de direita” é ser a favor do individualismo, capitalismo e do liberalismo, então o que dizer do Nazismo e do Fascismo? Ambos os movimentos pregavam contra o sistema capitalista – que Hitler e Mussolini acusavam ser uma das principais mazelas causadas em seus respectivos países– e, acima de tudo, eram contra o liberalismo e o individualismo – não se pode esquecer da famosa frase proferida por Mussolini diante da Câmara dos Deputados em 1927: “tudo dentro do Estado, nada contra o Estado, e nada fora do Estado”, o que, por óbvio, é uma ideia totalmente oposta à corrente liberal.

Se o conceito que o senso comum tem acerca de tal posicionamento do espectro político estiver correto, então Nazismo e Fascismo não eram movimentos de direita. Mas tampouco podem ser conceituados como “de esquerda” – e que isso fique claro!

E caso “ser de esquerda” seja perceber que o direito “dos trabalhadores, dos negros, das mulheres, dos homossexuais, dos pobres são direitos fundamentais”, o que dizer então do regime adotado na Cuba pós-revolucionária, quando Fidel Castro institucionalizou a repressão aos homossexuais?⁶

5 Não à toa, Luiz Felipe Pondé, em palestra organizada pelo instituto CPFL, disse que é bastante corriqueiro as pessoas associarem alguém que se define liberal ou conservador como “alguém do mal”. CAFÉ filosófico: o que é ser liberal e conservador para além do senso comum? com Luiz Felipe Pondé. Publicado pelo canal Instituto CPFL. [S. l]: [s. n.], 2016. 1 vídeo (123 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8W09-r6uHpc>. Acesso em: 10 jun. 2021.

6 Para um estudo mais aprofundado do tema, cf. PINHEIRO, Douglas. Autoritarismo e homofobia: a repressão aos homossexuais nos regimes ditatoriais cubano e brasileiro (1960-1980). *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 52, p. e185213, 2018. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8652639/18094>. Acesso em 20 nov. 2020.

Pelo visto, se a ideia que prevalece no senso comum estiver correta, então Fidel Castro em hipótese alguma pode ser alguém “de esquerda”. Mas, como também era contra o capitalismo e o sistema liberal, tampouco pode ser considerado alguém “de direita”.

E o que dizer de autores clássicos, como Frédéric Bastiat?⁷ Em 1850 escreveu um livro denominado “A Lei”, no qual são abordadas as bases do pensamento liberal. E nesta obra, o autor expressamente critica o fato de, na França pós-revolucionária, se falar de “sufrágio universal” quando nem todos os franceses podiam votar, notadamente as mulheres. Bastiat faz essa constatação criticando o fato de determinado grupo de indivíduos – o que hoje se denominaria “a elite” – se apropriarem da lei e impedirem que um maior número de pessoas possa participar da vida política justamente para defender e manter seus interesses mesquinhos.

Ora, tem-se aqui um autor, considerado um dos mais clássicos dos liberais, atacando a “espoliação” da lei por um grupo de poderosos que busca manter seus interesses, excluindo milhões de pessoas – notadamente mulheres – da participação política. Seria Bastiat “de esquerda”? Como, se ele defende ferrenhamente o liberalismo?

Ademais: a definição acima é por demais simplista e ignora a possibilidade de ambas as ideias coexistirem. É dizer: é plenamente possível que alguém defenda os direitos dos trabalhadores, dos homossexuais, negros, mulheres e também seja a favor do liberalismo, do capitalismo, da meritocracia etc.

É o caso, por exemplo de Luiz Felipe Pondé, um dos maiores filósofos brasileiros da atualidade, que afirmou expressamente o seguinte: “Sou conservador e sou contra o projeto da cura gay e a favor do casamento gay”.⁸

Mais uma vez, se adotado o conceito acima retratado, Luiz Felipe Pondé seria “de esquerda” – pois a favor dos direitos dos homossexuais. Mas como isso é possível se ele mesmo diz conservador?

7 BASTIAT, Frédéric. *A lei: por que a esquerda não funciona? As bases do pensamento liberal*. Tradução de Eduardo Levy. Barueri, SP: Faro Editorial, 2016. E-book. n. p.

8 PONDÉ, Luiz Felipe. *Sou conservador e sou contra o projeto da cura gay e a favor do casamento gay*. [São Paulo], 29 maio 2016. Twitter: Luiz Felipe Ponde @lf_ponde. Disponível em: https://twitter.com/lf_ponde/status/737072032102395905. Acesso em: 10 jun. 2021.

E o que dizer do político Fernando Silva Bispo, mais conhecido como “Fernando Holiday”, eleito vereador de São Paulo em 2016 e reeleito em 2020 como um dos cinco mais bem votados daquele município?⁹ Negro e assumidamente homossexual, ele defende as bandeiras do liberalismo político – sendo ojerizado por muitas lideranças de esquerda por conta disso.

Como, então, posicioná-lo ideologicamente? Chamar de “capitãozinho do mato nazista”, como fez o sempre candidato à presidência da república, Ciro Gomes, ao vivo em uma rádio,¹⁰ com certeza não é correto – a conduta é bastante reprovável. Aliás, para alguém que se declara “de esquerda” como o próprio Ciro Gomes, chamar um negro de “capitãozinho do mato”¹¹ soa bastante estranho.

Tudo isso revela que o conceito acima utilizado acerca do que é “ser de direita” e “ser de esquerda” está errado. Errado porque não se pode misturar pautas – como direitos dos trabalhadores, direitos das mulheres, legalização do aborto etc. - como sendo exclusivamente de um dos lados. Um liberal “de direita” pode ser a favor ou contra o aborto.

Como, então, diferenciar o que é esquerda e direita? É esta a temática do presente artigo, que tem por objetivo esclarecer as principais ideias que norteiam estes campos do pensamento político.

2 SER “DE DIREITA” E “SER DE ESQUERDA

Norberto Bobbio¹² ensina que “direita” e “esquerda” são termos antitéticos que há mais de dois séculos são empregados para designar o contraste entre as ideologias e os movimentos em que se divide o pensamento político.

9 SIQUEIRA, André. Quem são os vereadores mais votados na cidade de São Paulo. *Jovem Pan*, São Paulo, 16 nov. 2020. Política. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/quem-sao-os-veredores-mais-votados-na-cidade-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

10 CIRO chama Holiday de “capitãozinho-do-mato nazista” e vereador rebate. Publicado pelo canal Jovem Pan News. [S. l.]: [s. n.], 2019. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L7JATkMj7CM>. Acesso em 10 jun. 2021.

11 BRANDINO, Géssica; DELFIM, Rodrigo Borges. Ciro chama Holiday de “capitãozinho do Mato” e vereador o acusa de racismo. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 jun. 2018. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/ciro-gomes-chama-vereador-fernando-holiday-de-capitaozinho-do-mato.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2021.

12 BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995. p. 31.

Diz-se que tal discussão tem mais de dois séculos porque os termos “esquerda” e “direita” derivam “da Assembleia dos Estados Gerais de 1789, quando, na França, a nobreza sentou-se à direita do rei, e o Terceiro Estado, à sua esquerda”.¹³ Desde então, os termos permanecem sendo utilizados e agora são aplicados a facções e ideias contrapostas em toda ordem política.

Enquanto termos antitéticos, são reciprocamente concebidos de forma excludentes e conjuntamente exaustivos.

Direita e esquerda são excludentes porque “nenhuma doutrina ou nenhum movimento pode ser simultaneamente de direita e de esquerda”,¹⁴ e exaustivos porque uma doutrina ou um movimento somente pode ser de direita ou de esquerda – ao menos para aqueles que adotam tal modo dicotômico de divisão das ideias políticas.

Ou seja: para os adeptos de tal visão dicotômica, é inconcebível que alguém seja “de direita” e “de esquerda” ao mesmo tempo, ou que determinadas ideias possam transitar entre estes dois polos.

A dualidade do pensamento “esquerdista” e “direitista” não está apenas em ideologias. Reduzi-las de tal modo é bastante simplório. “Esquerda e direita indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade”.¹⁵

Portanto, direita e esquerda são apresentadas como ideias opostas. Mas opostas a quê? A resposta que se defende é a seguinte: a diferença está no modo de ver a sociedade, ou melhor, no modo de ver o comportamento humano em sociedade.

É por isso que há quem afirme, como o escritor David Horowitz¹⁶, que a verdadeira distinção entre direita e esquerda nasceu muito antes da Assembleia dos Estados Gerais da França pré-revolucionária (onde só ficou marcado o nome da divisão, isto é, “direita-esquerda”). A base do pensamento distintivo é verdadeiramente encontrada

13 SCRUTON, Roger. *Pensadores da Nova Esquerda*. Tradução de Felipe Garrafiel Pimentel. São Paulo: E Realizações, 2014. p. 14.

14 BOBBIO, Norberto, op. cit.

15 BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1995. p. 33.

16 DAVID Horowitz discursa sobre doutrinação para estudantes do ensino médio. Publicado pelo canal Hipster Conservador. [S. l.]: [s. n.], 2014. 1 vídeo (48 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P9x9cXeDQM>. Acesso em: 10 jun. 2021.

em duas visões distintas da relação humana: aquela defendida por Thomas Hobbes e aquela por Jean-Jacques Rousseau.

Isso porque Rousseau acreditava que o ser humano, em seu estado primitivo, é bom por natureza. O que o corrompe é a estrutura do processo civilizatório “O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros”.¹⁷ Isto posto, todas as mazelas sociais que são encontradas no mundo (desigualdade social e econômica, machismo, homofobia, xenofobia etc.) são causadas não pelo ser humano em si, mas sim pela própria sociedade. São as instituições sociais que fazem com que alguém, nascido livre e bom, ao se relacionar com outro indivíduo, acabe se corrompendo pelas relações de poder de que passa a gozar.

Aqui está a base do pensamento da esquerda. O ser humano é bom, mas há um “sistema” que o corrompe. O pensador de esquerda “acredita que o mundo é deficiente em sabedoria e justiça, e que a falha reside não na natureza humana, mas nos sistemas de poder estabelecidos. Ele se opõe ao poder estabelecido, como o defensor da ‘justiça social’ que retificará a antiga queixa dos oprimidos”.¹⁸

Dentro dessa ideia de deficiência dos sistemas sociais estabelecidos está o conceito de estrutura e superestrutura defendido por Karl Marx. Afirma o autor que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência”.¹⁹ Com isso, defende que no decorrer das relações sociais traçadas em suas vidas, os homens contraem laços que são necessários e independentes de suas vontades, os quais acabam ganhando “vida própria” e, assim, passam a fazer parte da identidade/consciência do indivíduo que se insere no meio social.

Dentre essas relações, a mais marcante, para a teoria marxista, é a forma como os indivíduos se relacionam para a produção econômica. O “conjunto dessas relações de produção forma

17 ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. Tradução de Heitor Afonso Gusmão Sobrinho. Joinville, SC: Clube de Editores, 2020. E-book. n. p.

18 SCRUTON, Roger. *Pensadores da Nova Esquerda*. Tradução de Felipe Garrafiel Pimentel. São Paulo: E Realizações, 2014. p. 15.

19 MARX, Karl. *Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política*. [S. l.]: [s. n.], 2012. E-book. Obra de Domínio Público. n. p.

a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social”.²⁰

Portanto, as ordens jurídica, econômica e até mesmo religiosa nada mais seriam que a consciência coletiva desenvolvida pelas pessoas para manter a ordem econômica vigente – no caso, o capitalismo. Aquelas (as superestruturas) ganham vida para justificar esta (estrutura econômica).

Não à toa sempre se vê autores e ativistas políticos identificados com o posicionamento de esquerda proferindo palavras de ordem “contra o sistema” e “abaixo o sistema”. Acreditam, portanto, que reformando a sociedade e suas instituições, esse “sistema” ruirá e o ser humano finalmente se livrará de seus grilhões opressores, voltando a um estado de bondade natural em que todos serão livres e iguais, cooperando mutuamente.

Diametralmente oposta é a visão de Thomas Hobbes. Cético desta visão do “bom selvagem”, Hobbes afirma que o “homem é lobo do próprio homem”.²¹ As pessoas carregam dentro de si vícios que as levam a sempre buscar seus interesses acima dos outros, o que conduz a “uma guerra de todos contra um, e de todos entre si”.²² É por isso que defendia um Estado que monopolizasse o uso da força e assim impedisse que as pessoas retornassem a este estado animalesco, onde a vida em sociedade seria bastante difícil.

Vê-se, pois, que um lado (Rousseau), acredita que o ser humano é bom, mas que as estruturas sociais nas quais ele se insere acabam por corrompê-lo. Já o outro (Hobbes), é cético em relação a toda esta bondade inata do ser humano, acreditando que em verdade este possui muitos vícios e que são necessárias instituições para controlar certas condutas para o bom desenvolvimento da vida humana em sociedade.

Eis, portanto, a diferença entre esquerda e direita – ao menos a aqui defendida. É uma diferença de percepção – nisto, ao menos, Igor Teo estava certo. Mas uma percepção acerca da natureza humana: se inatamente boa – mas corrompida “pelo sistema” -, ou se

20 MARX, Karl, loc. cit.

21 HOBBS, Thomas. *Do Cidadão*. Tradução de Eleonora Magalhães de Gusmão. Joinville, SC: Clube de Editores, 2020. p. 4. *E-book*.

22 HOBBS, Thomas. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. 2. ed. [S. l.]: Lebooks Editora, 2020. p. 5. *E-book*.

marcada por uma mistura de vícios e virtudes – de modo que são necessárias instituições para controlar o agir humano.

A propósito, os alertas acerca das mazelas sociais (desigualdade econômica, xenofobia, machismo, preconceito contra minorias etc.) precisam ser feitos e suas consequências combatidas (e tais alertas, diga-se a verdade, na maioria das vezes vem daqueles mais identificados com o pensamento da esquerda). Nada obstante, o que vai diferenciar a esquerda e a direita em tais discussões é a forma de solucionar os problemas. Se rompendo/combatendo as estruturas sociais que (ao menos em tese) dão ensejo a tais mazelas, ou, no caso, mirando no agir do próprio ser humano e na forma como seu comportamento pode ser regulamentado para evitar tais problemas.

Isso leva a uma política de ceticismo (marcadamente de direita) e uma política de fé/esperança (marcadamente de esquerda), conforme distinção feita em célebre obra de Michael Oakeshott.²³ Ou seja, alguém de direita seria mais cético quanto a toda essa “bondade” humana, de modo que são necessários instrumentos de controle para solucionar as mazelas sociais. Já alguém de esquerda é mais adepto à política da fé/esperança, acreditando na bondade humana e no seu bom desenvolvimento social, sendo que os problemas sociais advêm de um “sistema” que acaba por corromper o indivíduo – motivo pelo qual se defende que as estruturas que mantêm tal “sistema” sejam substituídas ou, pelo menos, reformadas.

O pensamento da esquerda é bastante plurívoco e não há consenso até mesmo entre as diversas correntes do pensamento esquerdista. Cite-se, a título de exemplo, o que afirmou o próprio Vladimir Lênin, em panfleto lançado no início do século XX, intitulado “Esquerdismo: doença infantil do comunismo”,²⁴ no qual afirma que as mais diversas formas de pensamento “esquerdista” estão equivocadas (sendo que algumas, como a Social Democracia, em verdade seriam manifestações das pequenas burguesias) e não merecem crédito, pois a única que merece prevalecer é a ideia revolucionária para implementação da ditadura do proletário.

23 OAKESHOTT, Michael. *A política da fé e a política do ceticismo*. Tradução de Daniel Lena Marchiori Neto. São Paulo: É Realizações, 2018. p. 145-147

24 LÊNIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Esquerdismo: doença infantil do Comunismo*. [S. l.]: [s. n.], 2012. E-book. Obra de Domínio Público. n. p.

Talvez em outro artigo se busque explanar as diversas formas de pensamento da esquerda. Como o atual trabalho tem como objetivo apontar as ideias que giram em torno da direita, vamos a elas então.

2.1 O PENSAMENTO DA DIREITA – ENTRE O LIBERALISMO E O CONSERVADORISMO

Conforme dito acima, o pensamento de Thomas Hobbes é aquele que marca o que vem a ser chamado de “pensamento da direita”, ou seja: o ser humano possui vícios e é preciso instrumentos de controle para combatê-los e assim permitir o bom desenvolvimento da vida em sociedade.

Dentre dessa visão, encontramos as correntes de pensamento político do liberalismo e do conservadorismo.

2.1.1 O LIBERALISMO

Para o senso comum, “liberal”²⁵ é alguém que acredita no mercado (isto é, na “lei da oferta e procura”) e na meritocracia (o indivíduo tem direito àquilo que, com suas próprias forças, conseguiu conquistar), de modo que o Estado seria (quase) desnecessário.

Tal visão – que é equivocada, desde já se advirta – foi apresentada de forma bastante clara pelo ex-presidente Lula, em entrevista concedida à revista Carta Capital em 19/05/2020, quando falou: “Ainda bem que a natureza, contra a vontade da humanidade, criou esse monstro chamado coronavírus porque esse monstro está permitindo que os cegos enxerguem, que os cegos comecem a enxergar, que apenas o Estado é capaz de dar solução a determinadas crises”.²⁶

25 É certo que há discussão acerca dos diversos tipos de liberalismo. Há o chamado liberalismo clássico (cujas principais ideias foram lançadas no século XVIII) e o “neoliberalismo”, debatido já no século XX e que tem como objetivo adaptar as ideias clássicas às exigências de um Estado regulador e cada vez mais assistencialista. Nada obstante, como o próprio termo “neoliberal” é algo difuso e polêmico, neste artigo, os termos “Liberal” e “Liberalismo” serão utilizados para se referir tanto ao pensamento clássico (século XVIII) quanto ao mais moderno (século XX e XXI).

26 “AINDA bem” que “monstro” do coronavírus veio para demonstrar necessidade do Estado, diz Lula. G1, Brasília, 19 maio 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/19/ainda-bem-que-monstro-do-coronavirus-veio-para-demonstrar-necessidade-do-estado-diz-lula.ghtml>. Acesso em 10 jun. 2021.

Deixando de lado a polêmica envolvendo o “lado positivo do coronavírus” – esse julgamento ficará a cargo do leitor –, o certo é que Lula estava fazendo críticas às políticas e ideias (tidas por) liberais que atualmente parecem sondar a maioria dos gestores brasileiros – e seus eleitores.

Ocorre que a intervenção do Estado em situações de crise e em momentos de necessidade é algo defendido pela doutrina liberal, e não por ela repudiada. O problema é que o senso comum – sempre problemático e carente de informações – imagina que o liberal é um anarcocapitalista, isto é, alguém que considera que o Estado não deveria sequer existir e que todas as soluções seriam ditadas pelo mercado. Isso é falso. “Fake News”, nos dizeres de hoje.

O liberalismo acredita sim na livre iniciativa e na economia de mercado. Ocorre que, como muito bem lembram Rose e Milton Friedman,²⁷ a liberdade econômica (ou seja, liberdade de mercado, de livre iniciativa e livre propriedade etc.) é apenas uma das facetas do liberalismo político. Se o liberalismo fosse comparado a um edifício, a liberdade econômica seria “apenas” uma de suas diversas pilstras. Há outras, como a liberdade religiosa, liberdade de manifestação intelectual, liberdade política, liberdade afetiva/sexual, etc. No caso de uma destas ser destruída, há o sério risco de todo o edifício ruir.

Não à toa, os supracitados autores afirmam que: “A liberdade econômica é uma condição essencial para a liberdade política. Ao possibilitar que as pessoas cooperem umas com as outras sem coerção nem comando central, tal liberdade reduz a área sobre a qual é exercido o poder político”.²⁸

Do mesmo modo, Ludwig von Mises vai dizer que “é incorreto interpretar a atitude do liberalismo, em relação ao estado, ao afirmar-se que essa doutrina deseja limitar a sua esfera de atividades possíveis ou que abomina, em princípio, toda atividade executada pelo estado”.²⁹

A propósito, em esclarecedora passagem de sua obra, o mencionado autor afirma:

27 FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose. *Livre Para Escolher*: uma reflexão sobre a relação entre liberdade e economia. Tradução de Lígia Filgueiras. Rio de Janeiro: Record, 2015. E-book. n. p.

28 FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose, loc. cit.

29 VON MISES, Ludwig. *Liberalismo*. São Paulo: LVM Editora, 2017. p. 65. E-book.

Se tenho a opinião de que é desaconselhável atribuir ao governo a tarefa de operar ferrovias, hotéis ou minas, não sou mais “inimigo do estado” do que inimigo do ácido sulfúrico, por ser de opinião de que, embora útil em muitas finalidades, não se presta para beber, nem para lavar as mãos.³⁰

Ou seja, não é porque o liberal é contra a intervenção estatal em alguns pontos da vida humana que ele será contra o Estado como um todo.

A propósito, em 1776, Adam Smith escreveu no seu famoso “A Riqueza das Nações”, três funções que o Estado precisa assumir. Vejamos o que diz o autor:

Segundo o sistema da liberdade natural, ao soberano cabem apenas três deveres; três deveres, por certo, de grande relevância, mas simples e inteligíveis ao entendimento comum: primeiro, o dever de proteger a sociedade contra a violência e a invasão de outros países independentes; segundo, o dever de proteger, na medida do possível, cada membro da sociedade contra a injustiça e a opressão de qualquer outro membro da mesma, ou seja, o dever de implantar uma administração judicial exata; e, terceiro, o dever de criar e manter certas obras e instituições públicas que jamais algum indivíduo ou um pequeno contingente de indivíduos poderão ter interesse em criar e manter, já que o lucro jamais poderia compensar o gasto de um indivíduo ou de um pequeno contingente de indivíduos, embora muitas vezes ele possa até compensar em maior grau o gasto de uma grande sociedade.³¹

A primeira função parece óbvia: o Estado tem o dever de proteger seus cidadãos de eventual violência ou invasão de outros países.

Já a segunda função parece ser ignorada pelos críticos do liberalismo. Veja que Adam Smith expressamente defende o dever de o Estado proteger “cada membro da sociedade contra a injustiça e a opressão de qualquer outro membro da mesma”.

O fato de Adam Smith afirmar que o Estado deve agir quando um indivíduo oprime o outro pode até espantar – “isso é coisa de esquerda”, diria o senso comum -, mas o certo é que isso faz parte do pensamento liberal.

30 Ibidem.

31 SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*: investigação sobre sua natureza e suas causas. Tradução de: Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 169-170.

Ora, se o Estado tem a obrigação de defender o indivíduo de ameaças externas e internas, é de todo óbvio que ele também tem o dever de defender os cidadãos de algo tão terrível como uma pandemia – Lula está errado, portanto.

O liberalismo defende que os seres humanos são iguais entre si e por conta disso gozam de liberdade. A liberdade pode ser manifestada de diversas formas (liberdade política, religiosa, sexual, cultural, econômica, etc.), desde que o uso dessa liberdade não possa atingir a esfera de liberdade de outro indivíduo. Daí vem o ditado popular “a minha liberdade termina onde a sua começa”.

Os liberais, ao contrário do que acredita o ex-presidente supracitado, não são contra o Estado, mas afirmam que este deve ter uma atuação reduzida – são contra o “gigantismo estatal” -, tendo como função principal a defesa do indivíduo para que este possa usufruir, dentro de uma situação de igualdade de oportunidade perante os demais, a sua liberdade.

Para quem pensa no liberalismo de acordo com o senso comum, pode até parecer espantoso se deparar com a expressão “igualdade de oportunidade”. Mas sim, o liberalismo acredita que, para o indivíduo desenvolver plenamente sua liberdade, é preciso que a ele seja dada igualdade não só perante a lei, mas também de oportunidade de participação em conjunto com os demais para desenvolver seus projetos individuais de vida.

Igualdade, no caso, além de “igualdade perante a lei”, é cada vez mais interpretada como “igualdade de oportunidades”, no sentido de que ninguém deverá ser impedido de perseguir seus próprios objetivos por conta de obstáculos arbitrários que lhe são impostos.³² “Não há qualquer conflito da igualdade de oportunidade com a liberdade para conduzir a própria vida. Exatamente o contrário. Igualdade e liberdade são duas faces do mesmo valor básico – o de que cada indivíduo deveria ser considerando um fim em si mesmo”.³³

O mesmo é dito por John Rawls, que afirma haver duas questões fundamentais para o pensamento liberal: a primeira é a de que “todas as pessoas têm igual direito a um projeto inteiramente

32 FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose. *Livre Para Escolher: uma reflexão sobre a relação entre liberdade e economia*. Tradução de Lígia Filgueiras. Rio de Janeiro: Record, 2015. E-book. passim.

33 FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose, loc. cit.

satisfatório de direitos e liberdades básicas iguais para todos”,³⁴ e a segunda é de que as desigualdades sociais e econômicas somente poderão se justificar se tais diferenças estiverem “vinculadas a posições e cargos abertos a todos, em condições de igualdade equitativa de oportunidades”.³⁵ Desse modo, a disparidade econômico-social em razão da oferta de melhores condições de trabalho e remuneração somente podem ser toleradas se há cargos e funções (na iniciativa privada e no serviço público, por exemplo) que estejam abertas e disponíveis a todas as pessoas que, em igualdade de oportunidade, poderão concorrer para ocupá-las (independente de raça, sexo, ideologia, religião, origem social, etc.).

Se houver um empecilho arbitrariamente imposta contra o indivíduo e que o impeça de concorrer por tais oportunidades, então o Estado deve atuar para combater tal entrave.

Vê-se, pois, que a igualdade de oportunidades é tão importante para a corrente do pensamento liberal quando a própria liberdade em si. Isso porque, sem a oportunidade, o indivíduo não gozará do direito de efetivamente ditar os rumos de sua vida a partir de suas escolhas e convicções. Não é admissível, como Rose e Milton Friedman afirmaram acima, que ao indivíduo seja impostos obstáculos arbitrários de usar sua capacidade para perseguir seus objetivos individuais.

Pode-se comparar a ideia do liberalismo à competição de natação. Todos os competidores devem partir do mesmo ponto para dar o tiro de largada e assim, ao se lançarem na piscina, em igualdade de oportunidades, utilizarem de sua destreza esportiva para chegar o mais rápido possível ao ponto final. Se alguém, antes de a competição começar, estiver muito atrás (começar a 10 metros de distância atrás dos demais concorrentes, por exemplo), então obviamente a competição estará viciada e não se estará facultado ao retardatário a chance de competir com os demais em igualdade de oportunidade.

O que o liberalismo é contra é a chamada “igualdade de resultados”. Essa é a ideia de que, mesmo facultado a oportunidade de o indivíduo lutar para conquistar seus objetivos, o Estado, de algum modo, deve também garantir que todos obtenham os mesmos

34 RAWLS, John. *O Liberalismo Político*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. Brasília, DF: Editora Ática, 2000. p. 47.

35 Ibidem, p. 47-48.

resultados sociais e econômicos – independentemente da luta que tenha travado para atingir os fins almejados.

É por isso que se defendeu em tópicos acima que afirmar que determinadas pautas (como direitos dos trabalhadores, dos negros, das mulheres, homossexuais, etc.) como sendo algo “de esquerda” ou “de direita” é equivocado.

Veja, por exemplo, o famoso grito “meu corpo, minhas regras!”. Do que se viu do pensamento liberal, tal frase parece estar de acordo com tal corrente do pensamento político, pois não? Ora, é condizente com o pensamento liberal o fato de a pessoa, dentro de sua dignidade, determinar o que fará com seu corpo, sem que ninguém possa obstruir seu projeto de desenvolvimento individual.

É por isso que é plenamente possível um liberal ser a favor do aborto, enquanto outro ser contra. O primeiro defenderá o aborto usando o “meu corpo, minhas regras”, no sentido de que, se o feto é gerado no ventre da mulher, ninguém tem o direito de determinar como ela deve agir com seu próprio corpo. De outro giro, outro liberal pode usar o mesmo “meu corpo, minhas regras” para defender o direito do feto, isto é, de que este também direito ao seu corpo, de modo que ninguém pode se imiscuir no seu direito à própria existência – no caso, a liberdade de disposição do corpo da mulher se encerraria no momento em que surge para o feto a liberdade e o direito de existir.

Ou seja, se uma pauta tão polêmica como o aborto pode ser defendida ou combatida dentro de uma mesma linha de pensamento político – no caso, o liberalismo –, não é certo diferenciar “esquerda” e “direita” com base apenas em pautas.

Do mesmo modo, para o ideal liberal, pouco importa se a pessoa é homossexual, heterossexual, bissexual etc. O fato de alguém decidir se relacionar e constituir família com pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto em nada interfere na liberdade de um terceiro indivíduo que não está envolvido nesta relação, de modo que isso não pode ser vedado pelo Estado – e, no caso de estas pessoas virem seu direito ser ameaçado, deve o mesmo Estado protegê-las. Não se esqueça o que disse John Rawls: “todas as pessoas têm igual direito a um projeto inteiramente

satisfatório de direitos e liberdades básicas iguais para todos”.³⁶ Se esse projeto envolve se relacionar afetivamente com pessoas do mesmo sexo ou de sexo distinto, isso pouco importa para o pensamento liberal.

Não é de se espantar, pois, que na década de 60, Friedrich August von Hayek, no livro “The Constitution of Liberty”,³⁷ tenha afirmado que práticas que não afetam ninguém senão os adultos nelas envolvidos não podem ser causa de coerção estatal, ainda que elas não sejam aprovadas pela maioria das pessoas – tendo citado expressamente as relações homossexuais como o caso mais nítido de não intervenção estatal, uma vez que é algo que diz respeito tão somente aos adultos que assim afetivamente se relacionam.

2.1.2 O CONSERVADORISMO

Imediatamente, ao se falar de conservadorismo, as primeiras coisas que vêm à mente da maioria das pessoas são palavras como: “xenófobo”, “racista”, “machista”, “sexista”, “retrógrado”, “homofóbico”, etc. É o tal do “senso comum”.

Se tal pensamento fosse correto, então como Luiz Felipe Pondé teria declarado que, sendo conservador, é a favor do casamento gay e contra a tal da “cura gay”? Seria um caso de dupla personalidade que o filósofo estaria acometido? Óbvio que não.

Em verdade, assim como é com o liberalismo, há um equívoco acerca do que é o pensamento conservador.

Desde já, cumpre esclarecer o que o conservadorismo não é: o conservadorismo não é uma mentalidade reacionária.

Aliás, como bem salienta Mark Lilla:

Os reacionários não são conservadores. É a primeira coisa que se deve entender a seu respeito. À sua maneira, são tão radicais quanto os revolucionários e não menos firmemente presos nas garras da imaginação histórica. As expectativas milenaristas de uma nova ordem social redentora e de seres humanos rejuvenescidos inspiram os revolucionários; os re-

³⁶ RAWLS, John, loc. cit.

³⁷ HAYEK, F. A.. *The Constitution Of Liberty*. Chicago: The University Of Chicago Press, 2011. p. 212.

acionários são obcecados pelo medo apocalíptico de entrar numa nova era de escuridão.³⁸

O reacionário é aquele que tem a convicção (ou fé) de um passado glorioso que se perdeu com a mudança do tempo, e que o retorno a tal passado se faz necessário para resgatar aquilo que foi perdido.

O pensamento reacionário funciona mais ou menos da seguinte forma:

Sua história começa com um Estado feliz ordenado no qual as pessoas que conhecem seu devido lugar vivem em harmonia, submissas à tradição e a seu Deus. Vêm então ideias alienígenas promovidas por intelectuais — escritores, jornalistas, professores — questionar essa harmonia, e a vontade de preservar a ordem é debilitada no topo da pirâmide. (A traição das elites é o esteio de toda narrativa reacionária.) Uma falsa consciência logo se abate sobre a sociedade como um todo, à medida que ela caminha deliberada e mesmo alegremente para a destruição. Só aqueles que guardaram lembrança das velhas práticas são capazes de ver o que está acontecendo. Depende exclusivamente da sua resistência se a sociedade será capaz de inverter esse direcionamento ou se precipitará na própria ruína.³⁹

O espírito reacionário tem muito mais em comum com a mentalidade revolucionária do que com o conservadorismo propriamente dito. É que ambos (reacionário e revolucionário) estão insatisfeitos com o atual estado das coisas, e acreditam que mudanças precisam ser feitas para se atingir determinadas melhorias. O revolucionário busca a ruptura com o *statu quo* para atingir um futuro que considera melhor. O reacionário também busca romper com o *statu quo*, mas ao invés de mirar no futuro, mira em um passado que considera melhor. Ele fica preso “às garras de uma imaginação histórica”, conforme dito acima por Mark Lilla.

Ao contrário, o conservador acredita sim em mudanças e que reformas devem ser implementadas. Como afirmou Edmund Burke,⁴⁰ um dos maiores expoentes do pensamento conservador, às vezes, é preciso reformar para poder conservar. Entretanto, a

38 LILLA, Mark. *A mente naufragada: sobre o espírito reacionário*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 8.

39 LILLA, Mark, loc. cit.

40 BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Tradução de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro. 2019. E-book. n. p.

reforma (as mudanças a serem implementadas) não podem ser feitas de tal modo a extirpar todo o arcabouço que herdamos dos nossos antepassados. Sobre a necessidade de mudanças, faz comparação com as reformas que devem ser adotadas em um prédio. Quando necessário, é preciso implementar alterações para poder preservá-lo (mas sem, contudo, desfigurar o estilo do imóvel).

Pois bem. Se o conservadorismo não é uma forma de pensamento reacionário, o que é, então?

Para o pensamento conservador, o ser humano naturalmente vive em comunidade, unido a outros indivíduos por laços de mútua confiança (é o que se dá, por exemplo, dentro da família).⁴¹ É necessário que a pessoa tenha laços sociais que o façam se sentir seguro, que o permitam viver de forma pacífica e, quando necessário, pedir ajuda nas situações de dificuldade àqueles que lhe são próximos.⁴²

Revisar tal condição humana é violar imperativos enraizados na biologia e nas necessidades da reprodução social. Isso porque o ser humano traz em si um sentimento de pertencimento social. Os seres humanos vivem em comunidades e dependem delas para se desenvolver.

“O pertencimento social caminha de mãos dadas com a ligação individual. Os seres humanos começam a vida ligados à mãe e à família que os abrigam e nutrem. Conforme avançam em direção à idade adulta, os laços se afrouxam e se expandem”,⁴³ afirma Roger Scruton. À medida que a pessoa vai se inserindo cada vez mais no meio social, “costumes, lugares, redes, instituições e maneiras partilhadas de ser amplificam nossas ligações e criam a sensação de que estamos em casa no mundo, em meio a coisas familiares e confiáveis. Essa sensação nos é preciosa e sua perda causa ansiedade e luto”.⁴⁴

É por isso que:

O mais importante impulso para o pensamento conservador é o desejo de sustentar as redes de familiaridade e confiança das quais a comunidade depende para sua longevidade. O conservadorismo é o que diz seu nome: a tentativa de

41 SCRUTON, Roger. *Conservadorismo: um convite à grande tradição*. Tradução de Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2019. *E-book*. passim.

42 Ibidem.

43 SCRUTON, Roger, loc. cit.

44 Ibidem.

conservar a comunidade que temos — não em todas as suas particularidades, uma vez que, como afirmou Edmund Burke, ‘precisamos reformar a fim de conservar’, mas em todos os aspectos que asseguram a sobrevivência de longo prazo de nossa comunidade.⁴⁵

Entende o conservadorismo, assim como o liberalismo, que o ser humano não apenas colabora com o próximo, mas também com ele compete. Não tem aquela visão romântica do “bom selvagem”, mas antes guarda certa cautela acerca do agir humano. Crê, portanto, que a competição é algo natural, mas que instituições são necessárias para assegurar que ela ocorra de forma pacífica e que eventuais conflitos sejam solucionados – o que diferencia das ideologias utópicas que acreditam que, uma vez derrubado o “sistema”, as pessoas passariam somente a cooperar entre si, não mais competindo umas com as outras.

Crê o conservadorismo que, desde o seu nascimento, o indivíduo já é inserido em comunidade e imerso em diversas instituições que o ensinam a regular o seu comportamento e a enxergar não só o “eu”, mas também o “nós” e o “outro”. É assim com a família, escola, religião, clubes, etc. Todas essas formas de relação humana trazem em si regras estabelecidas pelos seus próprios membros acerca do que pode ser feito, do que é tolerado, do que é proibido e, acima de tudo, quais são as obrigações de cada indivíduo para com o próximo.

No caso, a concepção é a de que os “seres humanos chegam ao mundo com várias obrigações e sujeitos a instituições e tradições que contêm em si uma preciosa herança de sabedoria, sem a qual o exercício da liberdade tem tanto a probabilidade de destruir os benefícios e direitos humanos quanto de melhorá-los”⁴⁶.

Portanto, essas instituições são preciosas e não podem ser abolidas ou tomadas pelo Estado. Isso porque é a sociedade civil – por meio de suas diversas instituições – e não o Estado, que é a verdadeira fonte da ordem social e da autoridade. É através das relações travadas no dia-a-dia que as pessoas vão conhecendo “seu lugar no mundo”, seus direitos e obrigações, e assim a ordem social vai se estabelecendo. Não é algo imposto “de cima para

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ SCRUTON, Roger, loc. cit.

baixo” (ou seja, por meio de um grupo de pessoas que detém o monopólio de poder do Estado), mas sim “de baixo para cima” (as próprias pessoas no seu cotidiano vão criando as regras de boa convivência).

Isto posto, pode-se concluir que “o conservadorismo defende a liberdade, sim. Mas também as instituições e atitudes que moldam o cidadão responsável e asseguram que essa liberdade seja benéfica para todos. O conservadorismo também defende, portanto, limites à liberdade”.⁴⁷

Além disso, também o conservadorismo defende as tradições e costumes como formas de sabedoria popular que foram testadas e aprovadas pelo tempo. “Elas contêm os resíduos de muitas tentativas e erros e as soluções herdadas para muitos dos problemas que encontramos”.⁴⁸ Outrossim, “ao discutir tradições, não estamos discutindo regras e convenções arbitrárias. Estamos discutindo as respostas encontradas para perguntas persistentes”.⁴⁹

Percebe-se, pois, que o pensamento conservador vai no sentido de que as tradições e costumes que são passados pelas diversas formas de relações sociais e que são herdadas dos antepassados carregam uma sabedoria acerca de como o ser humano deve se comportar em sociedade. Não é contra as mudanças sociais (estas sempre ocorrerão), mas é contra as tentativas de total e abrupta ruptura dos costumes e tradições que fazem com que a pessoa “se sinta em casa”, isto é, contra medidas que repentinamente retirem da pessoa o seu sentimento de pertença social.

Como adepto da política do ceticismo, o conservador fica “com o pé atrás” em relação à ideia de que a razão – algo puramente abstrato e não comprovado pelos testes do tempo e persistência – sirva como a principal “estrela guia” da regulamentação da vida social. A razão é importante, mas também o são as tradições e os costumes.

“O homem não nasce sábio, racional e bom, mas tem de aprender a tornar-se assim”,⁵⁰ afirma Friedrich August von Hayek. Em verdade, não é o intelecto que cria a moralidade e dita como

47 Ibidem.

48 Ibidem.

49 Ibidem.

50 HAYEK, F. A.. *Os Erros Fatais do Socialismo*: por que a teoria não funciona na prática. Tradução de Eduardo Levy. Barueri, SP: Faro Editorial, 2017. p. 33.

deve ser o comportamento social, “antes, as interações humanas regidas pela nossa moralidade tornaram possível o desenvolvimento da razão e das capacidades a ela associadas. O homem tornou-se inteligente porque havia a tradição – aquilo que está entre o instinto e a razão – para que ele aprendesse”.⁵¹ E essa tradição não se origina da capacidade de interpretar fatos observados racionalmente, mas de hábitos.

Teme o conservador, portanto, que as ideias equivocadas do que é racional, certo e bom possam mudar os fatos e as circunstâncias em que vivemos e assim se destrua, talvez para sempre, não somente os indivíduos, os edifícios, cidades etc. que se desenvolveram ao longo dos séculos, mas também as tradições, instituições e inter-relações sem as quais toda essa criação do processo civilizatório dificilmente teria vindo a existir e que, talvez, jamais possa vir a ser refeita.⁵²

O conservadorismo, portanto, não é corrente de pensamento de xenofobia, racismo, machismo, etc. O conservador acredita que faz parte do ser humano o sentimento de pertencimento social, que os laços que nos unem com os outros indivíduos por meio de diversas instituições sociais (família, escola, igrejas, clubes etc.) são importantes pois fazem a pessoa “se sentir em casa” no mundo, dando-lhe segurança e a sensação de que está perto de coisas que lhes são familiares, além de serem responsáveis por introduzir no indivíduo o senso de responsabilidade e de limites na sua atuação para com o próximo. Também prega que as tradições são um modo de transmissão de conhecimento intergeracional, devendo assim ser preservadas (embora, às vezes, também necessitem de reforma).

A propósito, o leitor deve lembrar que, no primeiro tópico deste artigo, levantou-se a ideia do senso comum – expressa por Igor Teo em seu texto supracitado – de que “ser de esquerda é uma questão de percepção”, notadamente de que “o capitalismo é um sistema que explora os recursos naturais do planeta até causar sua completa destruição”, certo?

51 Ibidem.

52 Ibidem, p. 41.

Ocorre que a defesa do meio ambiente é também uma pauta conservadora – do verdadeiro pensamento conservador, e não das falácias pronunciadas por certos grupos políticos que se denominam conservadores.

No livro “Como ser um conservador”,⁵³ Roger Scruton aponta que, para o pensamento conservador, a sociedade é uma parceria de gerações, isto é, entre os que morreram (o passado), os vivos (o presente) e os que estão por nascer (o futuro). O que foi herdado do passado não é nosso para poder ser usufruído e destruído, pois também pertence à geração futura. Uma das coisas mais importantes “que os vivos podem fazer é radicar-se, construir um lar e deixá-lo como legado para os filhos”.⁵⁴

Assim, na base do pensamento conservador, há a *oikophilia*, isto é, o amor pelo lar (entendido aqui não só como a casa, mas como todo o meio socio-cultural em que vivemos), e esse mesmo amor pelo lar é o que dá sustentação à causa do ambientalismo, espantando-se Roger Scruton com o fato de os chamados “partidos conservadores” não terem tomado lado da causa ambientalista.

E por que isso acontece? Para o autor, uma das razões é que “a causa conservadora foi poluída pela ideologia do grande capital, por ambições globais das empresas multinacionais e pela supremacia da economia sobre o pensamento dos políticos modernos”.⁵⁵ Tal fator, pois, “têm levado os conservadores a firmar aliança com pessoas que consideram fútil e pitoresco o esforço de conservar as coisas”.⁵⁶

Pelo visto, mais uma vez, o senso comum se equivocou. Tem-se aqui um dos maiores expositores do pensamento conservador da atualidade defendendo a causa ambiental e criticando a “ideologia do grande capital”. Parece “coisa de esquerda”, não?

Para quem não conhece – de fato – o pensamento conservador, será ainda mais espantoso ver a solução proposta por Roger Scruton para a defesa da causa ambiental: “a solução é ajustar as nossas demandas, assim como assumirmos os seus custos

53 SCRUTON, Roger. *Como ser um conservador*. Tradução de Bruno Garschagen. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 145

54 Ibidem.

55 Ibidem.

56 Ibidem.

e encontrar uma maneira de pressionar as empresas a fazer o mesmo”.⁵⁷ Pressionar as empresas multinacionais a ajustar seu meio de produção para proteger o meio ambiente...eis uma pauta (também) conservadora.

3 CONCLUSÃO

De tudo o que foi exposto no presente artigo, a conclusão a que se chega é que é errado dividir o dual espectro do pensamento político – direita e esquerda – em questões de pautas. Isto é, enquanto a direita defenderia apenas o capitalismo e a meritocracia (o que normalmente é associado como algo ruim), a esquerda estaria preocupada com o direito das mulheres, dos negros, dos homossexuais, proteção ao meio ambiente etc.

Demonstrou-se, por meio da exposição dos maiores pensadores das correntes “de direita” – isto é, liberalismo e conservadorismo – que a defesa das minorias, a busca pela igualdade de oportunidades e defesa do meio ambiente são também pautas “de direita”.

Diante desse cenário, a distinção entre esquerda e direita não pode ser feita por pautas, mas sim por “percepção de mundo”. E, no caso da direita, a sua percepção é cética, isto é, o ser humano não é um “bom selvagem”, mas alguém que, dotado de vícios, é o único responsável pelas mazelas sociais, de modo que devem as instituições criadas também por mãos humanas – família, Estado, igrejas, escolas, associações etc. – ajudar o indivíduo a se encontrar na sociedade e perceber que não há somente o “eu”, mas também o “nós” e o “outros”, e que os instintos muitas vezes devem ser controlados para não se tornarem vícios que comprometem o bom desenvolvimento da vida em comunidade.

REFERÊNCIAS

“AINDA bem” que “monstro” do coronavírus veio para demonstrar necessidade do Estado, diz Lula. *G1*, Brasília, 19 maio 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/19/>

57 SCRUTON, Roger. Loc. Cit, p. 147.

ainda-bem-que-monstro-do-coronavirus-veio-para-demonstrar-necessidade-do-estado-diz-lula.ghtml. Acesso em 10 jun. 2021.

ARRAIS, Rafael; CARVALHO, Alfredo; TEO, Igor. *Entre a Esquerda e a Direita*: uma reflexão política. [S.l.]: Textos para Reflexão, 2016. *E-book*.

BASTIAT, Frédéric. *A lei*: por que a esquerda não funciona? As bases do pensamento liberal. Tradução de Eduardo Levy. Barueri, SP: Faro Editorial, 2016. *E-book*. n. p.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda*: razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.

BRANDINO, Géssica; DELFIM, Rodrigo Borges. *Ciro chama Holiday de “capitãozinho do Mato” e vereador o acusa de racismo. Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 jun. 2018. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/ciro-gomes-chama-vereador-fernando-holiday-de-capitaozinho-do-mato.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Tradução de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro. 2019. *E-book*. n. p.

CAFÉ filosófico: o que é ser liberal e conservador para além do senso comum? com Luiz Felipe Pondé. Publicado pelo canal Instituto CPFL. [S. l.]: [s. n.], 2016. 1 vídeo (123 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8W09-r6uHpc>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CIRO chama Holiday de “capitãozinho-do-mato nazista” e vereador rebate. Publicado pelo canal Jovem Pan News. [S. l.]: [s. n.], 2019. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L7JATkMj7CM>. Acesso em 10 jun. 2021.

DAVID Horowitz discursa sobre doutrinação para estudantes do ensino médio. Publicado pelo canal Hipster Conservador. [S. l.]: [s. n.], 2019. 1 vídeo (10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UW3333333333>. Acesso em: 10 jun. 2021.

n.], 2014. 1 vídeo (48 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P9x9cXeDQmY>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose. *Livre Para Escolher*: uma reflexão sobre a relação entre liberdade e economia. Tradução de Ligia Filgueiras. Rio de Janeiro: Record, 2015. *E-book*. n. p.

HAYEK, F. A.. *Os Erros Fatais do Socialismo*: por que a teoria não funciona na prática. Tradução de Eduardo Levy. Barueri, SP: Faro Editorial, 2017.

_____. *The Constitution Of Liberty*. Chicago: The University Of Chicago Press, 2011.

HOBBS, Thomas. *Do Cidadão*. Tradução de Eleonora Magalhães de Gusmão. Joinville, SC: Clube de Editores, 2020. *E-book*.

_____. *Leviatã*: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. 2. ed. [S. l.]: Lebooks Editora, 2020. *E-book*.

LÊNIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Esquerdismo*: doença infantil do Comunismo. [S. l.]: [s. n.], 2012. *E-book*. Obra de Domínio Público. n. p.

LILLA, Mark. *A mente naufragada*: sobre o espírito reacionário. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MARX, Karl. *Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política*. [S. l.]: [s. n.], 2012. *E-book*. Obra de Domínio Público. n. p.

OAEKSHOTT, Michael. *A política da fé e a política do ceticismo*. Tradução de Daniel Lena Marchiori Neto. São Paulo: É Realizações, 2018.

PINHEIRO, Douglas. Autoritarismo e homofobia: a repressão aos homossexuais nos regimes ditatoriais cubano e brasileiro (1960-1980). *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 52, p. e185213, 2018. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8652639/18094>. Acesso em 20 nov. 2020.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Sou conservador e sou contra o projeto da cura gay e a favor do casamento gay*. [São Paulo], 29 maio 2016. Twitter: Luiz Felipe Ponde @lf_ponde. Disponível em: https://twitter.com/lf_ponde/status/737072032102395905. Acesso em: 10 jun. 2021.

RAWLS, John. *O Liberalismo Político*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. Brasília, DF: Editora Ática, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. Tradução de Heitor Afonso Gusmão Sobrinho. Joinville, SC: Clube de Editores, 2020. *E-book*. n. p.

SCRUTON, Roger. *Como ser um conservador*. Tradução de Bruno Garschagen. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. *Conservadorismo: um convite à grande tradição*. Tradução de Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro: Record, 2019. *E-book*.

_____. *Pensadores da Nova Esquerda*. Tradução de Felipe Garrafiel Pimentel. São Paulo: E Realizações, 2014.

SIQUEIRA, André. Quem são os vereadores mais votados na cidade de São Paulo. *Jovem Pan*, São Paulo, 16 nov. 2020. Política. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/quem-sao-os-vereadores-mais-votados-na-cidade-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Tradução de: Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 2.

VON MISES, Ludwig. *Liberalismo*. São Paulo: LVM Editora, 2017. *E-book*.